



Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional
de Lisboa e Vale do Tejo, I.P.

ECPC LVT

fevereiro | 2026

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DAS COLHEITAS

UNIDADE AGROALIMENTAR E LICENCIAMENTO
DIVISÃO AGROALIMENTAR E DESENVOLVIMENTO RURAL



O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal que visa a recolha e disponibilização de informação de carácter previsional, relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas.



Estado do tempo e a sua influência na agricultura em geral

No Oeste, as temperaturas máximas diárias situaram-se próximas do normal para a época e não apresentaram grandes alterações até ao início da última semana, período a partir do qual se registou uma subida acentuada das temperaturas máximas. As temperaturas mínimas apresentaram oscilações diárias significativas e ao longo do mês situaram-se geralmente acima do valor normal para a época de forma significativa, com exceção de alguns dias na última semana, com registo de temperaturas mínimas noturnas inferiores ao normal. Durante o mês foi pouco significativa a contabilização de horas de frio (ou seja, inferiores a 7,2°C acumuladas desde 1 de outubro) necessárias ao desempenho das principais espécies fruteiras cultivadas na região. As amplitudes térmicas diárias ao longo do mês não foram significativas, com exceção de alguns dias na última semana.

Até ao início da última semana, o mês decorreu bastante cinzento, principalmente com dias de céu muito nublado e com alguns períodos de menor nebulosidade. Na última semana os dias decorreram mais luminosos, tendo sido intercalados entre céu pouco nublado ou limpo e céu nublado por nuvens altas.

Houve formação de neblina ou nevoeiro, principalmente na última semana.

Na primeira metade do mês registou-se com frequência vento de intensidade moderada a forte ou com intensidade por vezes forte junto ao litoral. Na segunda metade do mês o vento foi menos intenso, tendo sido registado principalmente vento fraco a moderado, mas com alguns dias de intensidade forte junto ao litoral.

A precipitação foi muito elevada, à semelhança dos dois meses anteriores. Concentrou-se nas duas primeiras semanas, tendo ocorrido principalmente sob a forma de períodos de chuva, por vezes forte e persistente ou de aguaceiros, por vezes fortes. Neste período do mês registaram-se valores diários significativos de precipitação. Na segunda quinzena ocorreu precipitação apenas em alguns dias e em quantidade reduzida. Na primeira metade do mês, a precipitação foi por vezes acompanhada de trovoadas e queda de granizo. Os valores da precipitação acumulada durante o mês representaram mais de 300% relativamente aos valores normais para a época.

Com a diminuição significativa da precipitação e o registo de dias com sol e algum vento, verificou-se uma diminuição dos níveis de água no solo. No final do mês, os concelhos do Baixo Oeste situavam-se no índice CC [81, 99], com exceção do concelho da Lourinhã, situado quase totalmente no índice CC [61, 80]. Os concelhos do Alto Oeste encontravam-se no índice CC [61, 80] nas áreas mais junto ao litoral, e no índice CC [81, 99] nas áreas mais interiores. Exceção para o concelho de Peniche, que se encontrava totalmente no índice CC [61, 80].

Houve uma boa disponibilidade hídrica para o abeberamento de animais, e em excesso para as culturas instaladas. No final do mês, as linhas de água apresentavam caudais superiores ao normal para a época. Os volumes de armazenamento das reservas de água superficiais diminuíram muito ligeiramente face ao mês anterior e encontravam-se quase à capacidade máxima. As reservas de água subterrâneas apresentavam níveis superiores ao normal para a época.

As condições meteorológicas de precipitação intensa e persistente e o excesso de água no solo causaram elevados prejuízos no setor devido a estruturas danificadas, perda de culturas e atraso nas operações agrícolas próprias da época. O excesso de água provocou instabilidade na estrutura dos solos e muitos terrenos agrícolas cederam. Em alguns concelhos do Baixo Oeste,

o deslizamento e o afundamento dos solos causaram muitos danos graves nos terrenos agrícolas. A reposição das condições para a prática das culturas exige a intervenção de maquinaria para desobstrução e nivelamento desses terrenos. Na última semana foi possível o regresso às atividades interrompidas ou adiadas, como podas, adubações, tratamentos fitossanitários, lavouras, sementeiras e algumas colheitas.

Com a possibilidade de circulação de máquinas em alguns terrenos, nos últimos dias do mês ainda foram realizadas pontualmente lavouras para sementeiras de azevém e de trigo mole, apesar da instalação destas culturas ocorrer já muito fora do ciclo natural.

Com boas reservas de água no solo e com a melhoria das condições meteorológicas (subida das temperaturas, mais luz e ausência de precipitação) na parte final do mês, as culturas permanentes reagiram de forma muito rápida e apresentaram um desenvolvimento acelerado dos ciclos produtivos, com uma antecipação de cerca de 15 dias relativamente ao ano anterior.

Nas vinhas, as condições de precipitação anormalmente elevada e prolongada, causaram perdas significativas no potencial produtivo e levaram à submissão de declarações de prejuízo, registando-se estragos num número significativo de hectares nos principais concelhos produtores da região. Os principais danos decorreram de deslizamento ou deslocamento do solo com quebras nos terrenos e arrastamento de vinha, transbordo de ribeiras com destruição nas vinhas adjacentes, obstrução de cabeceiras ou serventias por deslizamento de terras ou queda de árvores. Os estragos causados nas vinhas impossibilitaram o ciclo normal da cultura, exigindo intervenções de fundo que passam pelo arranque e terraplanagem dos terrenos. A reestruturação das vinhas afetadas obriga a uma recuperação total das parcelas em alguns casos e noutros a uma reestruturação parcial. O setor mostrou preocupação com as plantações VITIS afetadas que ainda não tinham cumprido a perenidade da operação (5

anos), atendendo a que alguns produtores consideravam não recuperar as áreas afetadas, bem como em relação aos requisitos de adesão a novas candidaturas VITIS para arranque e reestruturação devido aos estragos causados em vinhas com menos de 15 anos. A melhoria das condições meteorológicas permitiu aos produtores retomarem as operações de poda e empa das vinhas, tarefas que estavam a ser concluídas no final do mês. Com os dias mais amenos a vinha deu os primeiros sinais de um novo ciclo produtivo, observando-se o início de novos desenvolvimentos foliares.

Os pomares de pomóideas ainda apresentavam muita água no terreno, embora no final do mês a situação fosse menos crítica. O encharcamento prolongado nos pomares de macieiras poderá provocar abortamento floral e queda de flor. As podas estavam muito atrasadas e encontravam-se ainda a ser realizadas, podendo tal situação interferir no desenvolvimento fenológico das culturas (pereiras e macieiras). Nos pomares de pera Rocha, algumas árvores encontravam-se já em abrolhamento, evidenciando o desenvolvimento de gomos vegetativos.

Com a melhoria das condições climatéricas, na última semana do mês praticamente todas as variedades de ameixa encontravam-se em plena floração, tal como algumas variedades de alperces e damascos. Os pessegueiros encontravam-se em abrolhamento e algumas variedades também já em floração. Esta antecipação aumenta o risco de queda da flor, por queda fisiológica causada pelo vento, chuva e granizo e por abortamento floral se ocorrerem condições adversas à polinização, como precipitação e frio durante a primavera.

Os pomares de limão encontravam-se a recuperar dos danos causados pela depressão Kristin. Com a subida das temperaturas, mais luz e ausência de precipitação, no final do mês observava-se o desenvolvimento de novos botões florais.

No olival, a saturação hídrica dos terrenos provocou descoloração foliar, favorecida pela baixa temperatura

dos solos e por alguma asfixia radicular pontual, situação que se reverteu nos últimos dias com a melhoria das condições meteorológicas. As parcelas e/ou variedades mais precoces iniciaram o seu abrolhamento na última semana do mês devido ao aumento da temperatura e radiação solar. Para correção dos estragos provocados pelos eventos meteorológicos extremos de vento e precipitação que levaram à queda de árvores, no final do mês decorriam retanchas de oliveiras arrancadas.

Nos campos de cultivo de arroz registaram-se estragos avultados devido à imensa precipitação e ao rombo de diques de proteção no rio Tejo e no rio Alenquer, que estão a afetar cerca de 2/3 da área de produção de arroz na região do Baixo Oeste. Com a rutura dos diques, as parcelas inundam com a variação das marés. A preparação dos canteiros para a instalação da cultura, inicia-se habitualmente em março ou abril e sem a reparação atempada dos diques, a cultura este ano não poderá ser instalada. Para a viabilidade da cultura é fundamental que as entidades oficiais intervenientes desenvolvam com urgência os processos de recuperação destas estruturas (dique de proteção das explorações).

Até ao final do mês a área de batata de sequeiro instalada era muito reduzida ou quase inexistente e correspondia essencialmente a algumas plantações realizadas no final de novembro, uma vez que desde dezembro a realização da cultura ficou impraticável. Apesar da melhoria das condições meteorológicas e da descida dos níveis de água no solo, estes ainda apresentavam muita humidade e sem possibilidade de realização de operações culturais. Com o atraso na instalação da cultura, antevê-se que este ano haja uma redução substancial da área de batata de sequeiro e que as produtividades sejam menores. As plantações tardias aumentam o risco de a cultura ficar comprometida com a ausência de chuva, pelo que muitos produtores sem acesso a água nas suas explorações, não arriscam. As poucas áreas instaladas em novembro apresentavam falhas na emergência e um fraco desenvolvimento

vegetativo, com a parte aérea marcada pelas adversidades do tempo. A instalação da batata de regadio também registava um atraso de cerca de dois meses. Nos terrenos com alguma inclinação e com textura mais ligeira, no final do mês começou a preparação das terras para avançar com as primeiras plantações no início de março. Se as condições meteorológicas forem favoráveis prevê-se uma intensificação das plantações durante o mês.

As condições meteorológicas verificadas até meio do mês continuaram a ser muito negativas para as culturas hortícolas de ar livre, que já se encontravam fragilizadas pelas condições adversas dos meses anteriores. Nas couves, a chuva intensa e o vento forte levaram a muita perda de produção por morte das plantas nos terrenos em estado de encharcamento prolongado. No final do mês, feito o balanço do efeito do tempo sobre as culturas e avaliada a viabilidade das mesmas, as perdas de produção situaram-se bastante acima do previsto inicialmente. A produção disponível para colheita foi muito inferior ao previsto e apresentou em geral uma qualidade média, embora alguma com menos qualidade, e de menor calibre. Nos últimos dias do mês foram iniciadas plantações de couves. Nas cenouras a perda de produção também foi bastante elevada devido a podridão causada pelo encharcamento prolongado dos solos. Com a ausência de sementeiras em janeiro e na primeira metade de fevereiro, será menor a disponibilidade de cenoura nacional nos meses de abril e maio. Entre o final de outubro e o final de fevereiro, as áreas instaladas com hortícolas de ar livre foram muito inferiores ao habitual devido às condições climáticas, antevendo-se uma primavera com menos oferta de produção nacional de algumas espécies e eventual subida nos preços.

Nas culturas de hortícolas em estufa, com a passagem da tempestade Kristin ocorreram prejuízos em várias explorações, incluindo perda de plantações realizadas em janeiro e de culturas em produção. Durante o mês iniciou-se a reconstrução das estruturas danificadas,

mas antevêm-se atrasos nas campanhas de tomate, feijão-verde, courgette e pepino.

No **Médio Tejo**, o mês caracterizou-se por precipitação intensa e persistente, em especial na primeira quinzena, com valores de precipitação muito superiores ao normal para a época. A intensa precipitação registada ao longo do mês, agravada pela destruição das margens dos rios e pelas descargas das barragens, provocou inundações nas zonas de cheia do rio Tejo e nas áreas de confluência com o rio Zêzere, bem como no rio Almonda e respetivos afluentes, verificando-se inúmeros prejuízos em toda a região.

Nas estações meteorológicas da região registaram-se períodos com falha de dados. Na estação de Tomar, Valdonas, essas falhas ocorreram entre os dias 2 e 12, enquanto na estação de Alvega se verificaram entre os dias 6 e 12. Estas interrupções impossibilitaram, neste mês, a apresentação da avaliação de alguns parâmetros meteorológicos, nomeadamente de temperaturas máxima e mínima, de precipitação acumulada, de vento e de humidade relativa, bem como da sua comparação com os valores normais para a época.

No final do mês registou-se um acréscimo significativo do número de horas de frio face ao mês anterior, respetivamente de mais 91 e 113 horas, nas estações meteorológicas de Tomar, Valdonas e de Alvega.

Os dias apresentaram-se maioritariamente com o céu muito nublado ou com períodos de intensa nebulosidade. Em alguns locais registou-se formação de neblina ou nevoeiro matinal, que por vezes persistiu ao longo de grande parte do dia.

Relativamente ao vento, este soprou essencialmente fraco a moderado, e em alguns dias, temporariamente forte a muito forte, sobretudo nas terras altas.

A precipitação ocorreu principalmente na primeira quinzena do mês de forma persistente. A precipitação acumulada na estação meteorológica de Alvega superou significativamente os valores normais para a época.

O teor de água no solo nos concelhos de Mação, Torres Novas e Ourém situava-se no final do mês maioritariamente no índice CC [81, 99]. Os concelhos de Alcanena, Ferreira do Zêzere e Entroncamento situavam-se na totalidade no índice CC [81, 99]. Os concelhos de Abrantes, Tomar, Constância e Vila Nova da Barquinha situavam-se maioritariamente no índice CC [61, 80] e a totalidade do concelho do Sardoal no mesmo índice. Verificou-se ainda uma mancha situada à capacidade de campo, no índice CC (>99) na zona de transição entre os concelhos de Tomar e Torres Novas.

Na região, observou-se uma franca disponibilidade das reservas de água superficiais e subterrâneas, acima do normal para a época. Manteve-se excessiva a disponibilidade de água para as necessidades das culturas e para o abeberamento das espécies pecuárias.

Quanto à influência do tempo nas culturas, em fevereiro mantiveram-se igualmente ao mês anterior, condições meteorológicas adversas para a instalação das culturas de outono-inverno. Nas zonas de ocorrência de cheias, muitos terrenos ficaram submersos causando perdas elevadas nas áreas de produção instalada e atraso nas operações agrícolas.

A instalação de culturas horto-industriais, como a ervilha e a batata, encontrava-se atrasada. Na região, é habitual que, em fevereiro, se inicie a instalação da batata para indústria e que a ervilha já se encontre instalada, uma vez que esta prática decorre, normalmente, entre dezembro e fevereiro.

A precipitação frequente e algumas vezes forte ocorrida na região impossibilitou a normal instalação dos cereais praganosos, cujas áreas semeadas não revelaram evolução face ao mês anterior. Os solos mantiveram-se muito encharcados, impedindo o acesso e a circulação de máquinas agrícolas, situação que apenas começou a melhorar nos últimos dias do mês. Estes dias mais favoráveis às práticas agrícolas permitiram, de forma gradual, a realização de adubações e de tratamentos fitossanitários, ambos essenciais para o bom desenvolvimento das culturas instaladas.

A precipitação excessiva e acima do normal para a época, induziu a um crescimento vegetativo muito limitado das pastagens, encontrando-se as mesmas a sofrer de asfixia radicular. Na última semana de fevereiro com bastante sol, as plantas começaram a evidenciar um bom desenvolvimento típico do início de primavera. O atraso no desenvolvimento das pastagens e culturas forrageiras, assim como, a saturação hídrica dos solos, limitaram o pastoreio neste mês.

As oliveiras em fase de repouso vegetativo, estiveram ao longo do mês sujeitas a baixas temperaturas e forte precipitação, sob condições de saturação hídrica dos solos e por vezes excesso de água ou inundações. Estas condições, provocaram descoloração foliar nas oliveiras, favorecida por alguma asfixia radicular pontual. A situação reverteu-se ligeiramente nos últimos dias do mês com a melhoria do tempo. Na região ainda se encontravam a corrigir os estragos provocados pelos fenómenos extremos, através da retanchar de oliveiras arrancadas pelo vento, uma vez que muitas áreas ainda se encontravam intransitáveis, devido aos solos saturados.

Na **Lezíria do Tejo** e **Baixo Sorraia**, registaram-se ao longo do mês temperaturas máximas próximas do normal para a época, sem grandes oscilações diárias, com exceção da última semana, em que se verificou um aumento significativo. As temperaturas mínimas foram mais instáveis ao longo do mês, situando-se acima do normal para a época, com exceção da última semana, com registos inferiores. No final do mês registou-se um acréscimo do número de horas de frio acumuladas, no entanto, foi pouco significativo face aos valores do mês anterior. Ao longo do mês registaram-se amplitudes térmicas diárias baixas, com exceção da última semana, com valores mais significativos, designadamente de 16,7°C, no dia 23 na estação de Santarém e de 21,7°C, no dia 22 na estação de Coruche.

Até à terceira semana, o mês decorreu essencialmente com céu muito nublado e com alguns períodos de menor nebulosidade. Na última semana os dias decorreram

com mais luz, variando entre céu pouco nublado ou limpo e céu nublado por nuvens altas. Houve formação de neblina ou nevoeiro, de forma mais acentuada na última semana.

O mês decorreu predominantemente com vento fraco a moderado e com registos de maior intensidade nas duas primeiras semanas.

Tal como nos meses anteriores, a precipitação foi bastante elevada e muito superior ao normal para a época. Ocorreu principalmente na primeira metade do mês, sob a forma de períodos de chuva, por vezes forte e persistente ou de aguaceiros, também por vezes fortes. Neste período a precipitação foi pontualmente acompanhada de trovoada e queda de granizo.

No final do mês o teor de água no solo situava-se predominantemente no índice CC [81, 99]. Nos concelhos da Lezíria do Tejo, as áreas adjacentes ao percurso do rio Tejo mantinham o teor de água no solo à capacidade de campo, índice CC (>99). Nos concelhos da Chamusca, Coruche e Benavente observavam-se manchas situadas no índice CC [61, 80].

As reservas de água superficiais mantinham-se semelhantes ao mês anterior, encontrando-se à sua capacidade máxima e com níveis de armazenamento bastante acima do normal para a época. As reservas de água subterrâneas também registavam níveis superiores ao normal para a época. Manteve-se excessiva a disponibilidade de água para as necessidades das culturas e para o abeberamento das espécies pecuárias.

Quanto à influência do tempo nas culturas, a precipitação elevada e persistente e o excesso de água no solo provocaram muitos danos nas explorações agrícolas. Nas zonas de cheia dos rios Tejo e Sorraia, com a precipitação, descargas das barragens e destruição das margens dos rios, muitos terrenos ficaram submersos causando perdas elevadas na produção instalada e atraso nas atividades agrícolas. Com a melhoria das condições do tempo, na segunda

metade do mês foi possível retomar a atividade agrícola. A afetação dos solos, associada a estas inundações poderá interferir na produtividade das culturas de primavera-verão.

Não foram realizadas sementeiras de cereais praganosos durante o mês, sem evolução de áreas desde novembro. Em março poderá ainda ser instalada alguma área de cevada se as condições do tempo permitirem.

As pastagens e as culturas forrageiras anuais apresentaram pouco desenvolvimento e sinais de asfíxia radicular devido à saturação de água nos solos, limitando o pastoreio e impedindo os cortes habituais. Houve necessidade de deslocar alguns efetivos pecuários para zonas de pastagem mais elevadas, prevendo-se o retorno dos animais às zonas de pastagem mais baixas durante o mês de março.

Nos citrinos, designadamente na laranja, a chuva intensa e o vento forte que se verificou na primeira quinzena, provocaram muita queda de frutos.

Com a melhoria do tempo, nos últimos dias do mês foi instalada alguma área de batata para indústria e para consumo, em solos arenosos. Contudo, muitos produtores aguardavam pela secagem dos solos para iniciarem a preparação das sementeiras. A cultura encontra-se com um atraso de cerca de dois meses. Antevê-se uma redução de área relativamente ao ano anterior, devido não somente ao atraso na instalação da cultura, mas também pela menor área contratada pela indústria e insatisfação dos produtores com os preços da campanha anterior.

No que respeita às culturas hortícolas, houve perdas de produção muito significativas nos brócolos, por não colheita, devido à dificuldade de acesso aos campos. Nas cenouras houve igualmente muita dificuldade na colheita pelo impedimento de acesso e movimentação de máquinas nos terrenos, o que degradou a qualidade das cenouras e provocou perdas por muita produção ter ficado sem condições de comercialização. Verificou-se

ainda perda de cultura em desenvolvimento e atraso de novas sementeiras. Uma grande parte da área de ervilha semeada ficou perdida com a inundação dos campos, levando a indústria a contratar noutras regiões. A deslocação da cultura terá impacto negativo na atividade económica dos produtores da região. Verificou-se perda total de couves e de alho francês nos campos que ficaram submersos durante muito tempo.

Antevê-se um atraso no arranque da campanha das culturas de primavera devido à impossibilidade de realizar os trabalhos dentro do calendário habitual, uma vez que os terrenos ainda se apresentam muito saturados de água.

Na **Grande Lisboa**, a primeira quinzena do mês caracterizou-se por condições meteorológicas típicas de um período invernal, com muita precipitação e instabilidade, seguindo-se de um período sem chuva e com temperaturas amenas que corresponderam a um padrão de inverno moderado, sem ocorrência de condições extremas.

No período em análise, a caracterização agrometeorológica evidenciou um comportamento térmico globalmente próximo da normal climatológica para a época. A temperatura máxima do ar registou valores superiores ao padrão de referência, embora, na maioria dos dias, se tenha mantido muito próxima dos valores normais para a época, sem desvios térmicos significativos. Relativamente à temperatura mínima, verificou-se um valor inferior ao normal climatológico para o período em apreço; contudo, na grande maioria dos dias, as mínimas diárias situaram-se acima do valor normal. Este padrão traduziu-se numa variabilidade térmica relevante para a dinâmica fisiológica das culturas. As maiores amplitudes térmicas diárias – entendidas como a diferença entre a temperatura máxima e mínima registadas no mesmo dia – atingiram 11,1°C e 11,6°C nos dias 21 e 23, respetivamente.

Os dias foram maioritariamente muito nebulados, com formação de neblina em alguns locais da faixa costeira e junto ao rio Tejo.

Nas duas primeiras semanas do mês registou-se um agravamento da intensidade do vento, observando-se uma frequência de episódios de vento forte. Neste período, ocorreram rajadas máximas próximas de 70 km/h, enquadráveis em situações atmosféricas mais instáveis.

Até ao dia 11, a ocorrência sucessiva de sistemas frontais provocou precipitação frequente e intensa, elevando o total acumulado para mais do quádruplo do valor normal para a época. Esta situação originou saturação prolongada do solo, episódios de encharcamento e inundações.

A humidade relativa diária foi muito elevada ao longo de todo o mês.

No que se refere aos valores do teor de água no solo, no final do mês os concelhos de Oeiras, Amadora e Odivelas encontravam-se no índice CC [81, 99]. O concelho de Loures maioritariamente à capacidade de campo, índice CC (>99) e com uma mancha a sul no índice CC [81, 99]. O concelho de Sintra estava maioritariamente à capacidade de campo, índice CC (>99), com uma mancha a sudeste no índice CC [81, 99] e uma mancha a sudoeste no índice CC [61, 80]. O concelho de Mafra maioritariamente no índice CC [81, 99], com uma mancha a sul à capacidade de campo, índice CC (>99). O concelho de Vila Franca de Xira ficava maioritariamente à capacidade de campo, índice CC (>99), com uma mancha a oeste no índice CC [81, 99]. Lisboa estava maioritariamente no índice CC [81, 99], com uma mancha a sul no índice CC [61, 80] e o concelho de Cascais encontrava-se maioritariamente no índice CC [81, 99], com uma mancha a oeste no índice CC [61, 80].

No período em análise, verificou-se a manutenção de condições de precipitação acumulada superior aos valores climatológicos de referência, associadas à persistência de solos próximos ou acima da capacidade

de campo. Neste contexto, as linhas de água mantiveram o registo de caudais elevados. Simultaneamente, os níveis de armazenamento hídrico, quer em massas de água superficiais (albufeiras e reservatórios), quer em aquíferos, registaram valores muito acima da média para a época, evidenciando uma situação de recarga excepcional. A conjugação destes fatores originou um cenário de excesso hídrico generalizado no perfil do solo, com grau de saturação elevado e redução da capacidade de infiltração, favorecendo fenómenos de encharcamento e galgamento das margens em diversos troços da rede hidrográfica.

Relativamente à influência das condições meteorológicas na atividade agrícola, nos primeiros quinze dias do mês registou-se um regime de precipitação intensa, enquanto a segunda quinzena se caracterizou por condições meteorológicas geralmente secas, acompanhadas de temperaturas amenas. Este padrão climático promoveu condições favoráveis ao crescimento vegetativo das pastagens, assim como ao desenvolvimento da floração das espécies herbáceas presentes.

A precipitação intensa condicionou significativamente a execução das sementeiras de culturas forrageiras e de cereais de outono-inverno, bem como a realização das operações de adubação e de aplicação de produtos fitofarmacêuticos nos terrenos já instalados, em virtude da impossibilidade de circulação de maquinaria agrícola em solos saturados. Nos campos que haviam sido semeados e fertilizados no início da campanha, a posterior ocorrência de precipitação excessiva potenciou fenómenos de asfixia radicular e de lixiviação dos nutrientes, comprometendo a sua disponibilidade no solo e afetando negativamente o desenvolvimento vegetativo das culturas.

Na cultura da vinha decorreram as operações de poda das videiras, as quais têm registado atrasos significativos devido à elevada saturação hídrica dos solos, que condicionou o acesso às parcelas e a execução atempada dos trabalhos culturais.

Verificou-se ainda uma elevada infestação de flora espontânea, prevendo-se a aplicação de herbicidas no decurso do mês de março, período em que se antecipa uma melhoria das condições de transitabilidade dos terrenos e a consequente entrada de maquinaria agrícola. Nas vinhas de uva de mesa e em algumas castas de ciclo mais precoce de uva para vinho, observaram-se os primeiros sinais de rebentação, situando-se entre os estados fenológicos B – Gomo de Algodão e C – Ponta Verde.

No que concerne aos pomares de pereira, observou-se que, no final do período em análise, as cultivares mais precoces, designadamente Lawson, já evidenciavam o início do processo de abrolhamento, situando-se predominantemente entre os estados fenológicos C3 e D, caracterizados pelo alongamento dos gomos e início da separação das escamas, com exposição progressiva dos tecidos foliares. Relativamente à cultivar Morettini, verificou-se igualmente a evolução fenológica dos gomos, encontrando-se estes maioritariamente entre os estados C e C3, correspondentes à fase de inchaço dos gomos e início da abertura das escamas, indicativa da transição para a atividade vegetativa primaveril. Por sua vez, a variedade Rocha, de fenologia mais tardia, apresentava-se sobretudo no estado fenológico B – C, evidenciando gomos em fase de entumescimento, com início de separação das escamas externas, mas ainda sem manifestação evidente de tecidos verdes. Nos pomares de macieira, após o período de dormência invernal que não foi propício à satisfação das necessidades em frio, observou-se no final do mês o inchaço dos gomos (estado fenológico B), iniciando-se a retoma da atividade fisiológica das árvores, marcando o arranque do ciclo vegetativo anual da cultura.

No decurso do mês foram concluídas as operações de poda das ameixeiras e, nos últimos dias, observou-se a plena floração das variedades precoces e temporãs.

As figueiras no final do mês encontravam-se na fase de rebentação, verificando-se a emergência dos primeiros brotos a partir dos gomos latentes. Uma vez que esta

fase é altamente sensível a fatores como geadas tardias e encharcamento dos solos que podem afetar o vigor vegetativo e a futura frutificação, é essencial a monitorização para planear intervenções culturais, incluindo fertilização, tratamentos fitossanitários e condução da copa, de modo a assegurar o desenvolvimento equilibrado da árvore e otimizar a produção.

Durante o mês, as oliveiras permaneceram em repouso vegetativo, condicionadas pelas baixas temperaturas e pela precipitação intensa que resultou na saturação hídrica generalizada dos solos. Esta situação provocou descoloração foliar, associada a episódios pontuais de asfixia radicular, que se reverteram nos últimos dias do mês com a melhoria das condições climáticas. As variedades mais precoces iniciaram o abrolhamento na última semana do mês, em resposta ao aumento da temperatura e à maior incidência de luz solar.

No final do mês, os solos agrícolas apresentavam-se na generalidade estruturalmente degradados em resultado do encharcamento prolongado e de episódios de inundação, verificando-se a desagregação da estrutura do solo e a perda de nivelamento das parcelas. Torna-se, por isso, necessário um investimento adicional em operações de mobilização, drenagem e regularização do terreno, de modo a restabelecer as condições adequadas para a instalação de culturas. A estes factos acrescem os danos significativos provocados pelas depressões atmosféricas em infraestruturas agrícolas, nomeadamente em armazéns, sistemas de rega por pivot central e instalações elétricas associadas, cuja recuperação é indispensável antes do início das operações de preparação do solo para as culturas de primavera-verão.

Na **Península de Setúbal**, as temperaturas máximas registaram valores próximos da temperatura normal para a época nas três primeiras semanas, tendo os valores aumentado significativamente na última semana. As temperaturas mínimas tiveram um comportamento mais irregular ao longo do mês,

pontualmente próximas do normal para a época e frequentemente acima do normal desse valor.

As maiores amplitudes térmicas foram registadas no final do mês (19,8°C no dia 22 na estação de Setúbal) e as menores amplitudes térmicas no início do mês (1,5°C no dia 11 na mesma estação).

No final do mês as horas de frio acumuladas e comparativamente ao registado no ano anterior e à semelhança do verificado em janeiro, atingiram valores inferiores na estação de Setúbal e superiores na de Pegões.

Os dias decorreram em geral com céu muito nublado, com alguns dias de céu encoberto. Apenas na última semana houve alguns dias com céu pouco nublado ou limpo. Ocorreu neblina ou nevoeiro matinal casualmente, mais frequente em meados e no final do mês.

O vento soprou frequentemente moderado a forte, com registo de rajadas de maior intensidade na primeira quinzena do mês.

Fevereiro foi muito chuvoso, com valores diários de precipitação elevados e contínuos até ao dia 13. O total de precipitação mensal foi 380% a 420% superior ao valor normal para a época.

A humidade relativa do ar foi elevada e ligeiramente inferior à registada no mês anterior.

Face à quantidade de precipitação registada ao longo da primeira quinzena, até meados do mês todos os solos da região mantinham-se à capacidade de campo, índice CC (>99), situação que já tinha sido atingida no mês de dezembro. Verificaram-se frequentemente condições de saturação total do solo (sobressaturação), com teores de água superiores à sua capacidade de retenção, potenciando assim o risco de inundações e de instabilidade dos terrenos. No final do mês e devido à ausência de precipitação na segunda quinzena, a maior parte dos solos encontravam-se no índice CC [61, 80]. Apenas a zona mais interior da região, nomeadamente os concelhos de Setúbal, Palmela, Moita, Montijo, bem

como a zona nordeste do concelho do Montijo (parte oriental) estavam ainda no índice CC [81, 99]. Comparativamente ao mesmo período no ano anterior, a saturação e encharcamento dos solos no final deste mês era inferior.

Até meados de fevereiro e à semelhança do mês anterior, verificou-se o encharcamento de muitos terrenos agrícolas e grande aprovisionamento de água nas barragens e aquíferos subterrâneos, bem como grande disponibilidade nos cursos superficiais e nos solos. No final do mês a situação era já mais favorável, devido à interrupção da precipitação a partir da segunda quinzena, bem como alguns dias de céu limpo e com temperaturas mais elevadas, que permitiram a secagem do solo.

Face à favorável situação hídrica dos solos, não se verificaram constrangimentos para o abeberamento de animais.

Relativamente à influência do estado do tempo nas culturas, de salientar que a precipitação persistente registada até meados do mês manteve os solos encharcados durante a maior parte do período, impossibilitando a circulação de maquinaria agrícola nos terrenos, principalmente na primeira quinzena. No final do mês ainda havia muitos terrenos em que não era possível entrar, o que dificultou, de forma geral, as intervenções relacionadas com possíveis sementeiras de consociações, de culturas forrageiras, de cereais praganosos de outono-inverno, bem como o corte de forragens, controlo de infestantes, adubações, tratamentos fitossanitários, podas, entre outros.

No que se refere às vinhas, as condições de encharcamento de alguns solos impossibilitaram a realização das podas, pelo que, no final do mês ainda não tinham sido concluídas na sua totalidade. As mesmas condições impediram igualmente a realização de intervenções ao nível da aplicação de herbicidas e outros procedimentos usuais para a época, originando atrasos. Nas vinhas localizadas em solos sujeitos a períodos prolongados de encharcamento, existe o receio

de que essas condições possam afetar negativamente o sistema radicular e, conseqüentemente, a produção. Os dias mais longos, as temperaturas elevadas e o bom aprovisionamento de água no solo favoreceram o início do abrolhamento. Concretamente, o aumento da temperatura atmosférica na segunda quinzena contribuiu para a elevação da temperatura do solo, favorecendo o despertar vegetativo da vinha. Assim, no final do mês, e dependendo das castas e da altura de realização das podas, já era visível o início do abrolhamento, nomeadamente na Fernão Pires. Existe o receio de ocorrência de geadas durante o mês de março, pelo que os abrolhamentos precoces nem sempre são os mais desejáveis.

Relativamente às fruteiras, as pereiras encontravam-se em geral na fase de pré-abrolhamento e a iniciar o abrolhamento. As macieiras estavam ainda entre as fases de gomo de inverno e pré-abrolhamento.

No caso das ameixeiras, a maioria das variedades encontrava-se em fase de floração. Nas variedades mais precoces verificou-se a ocorrência de ovários vazios (abortamento), sendo que neste caso as flores não irão evoluir para fruto. Esta situação poderá estar associada à insuficiente acumulação de horas de frio durante o período de repouso vegetativo (condição essencial para uma adequada diferenciação floral e posterior frutificação) comprometendo, assim, a normal formação dos frutos e conseqüentemente a produção. Adicionalmente, em algumas parcelas observaram-se sinais de asfixia radicular, conseqüência de períodos de elevada humidade no solo, nomeadamente situações de encharcamento parcial, que poderá também comprometer o normal desenvolvimento reprodutivo das plantas.

No que respeita ao amendoal, também se verificaram situações de encharcamento dos solos, que condicionaram a aplicação de herbicidas, de matéria orgânica e de adubação mineral. No entanto, não são esperados problemas a nível de asfixia radicular. A floração ocorreu na segunda quinzena, verificando-se,

no final do mês, árvores já em queda das pétalas. A floração não foi extraordinária em termos de quantidade. No entanto, aparenta ser mais favorável do que na campanha anterior, apresentando maior número de flores.

Em relação à cultura da batata estival, a colheita foi frequentemente interrompida devido às condições do solo provocadas pelas intempéries e à impossibilidade de entrada das máquinas agrícolas. A produção que permaneceu no campo sofreu com podridões, resultantes do excesso de humidade do solo, devido ao excessivo encharcamento. Em algumas parcelas, a batata foi destapada pela ação das chuvas intensas e do vento, sendo forçosamente desenterrada, ficando verde por ter permanecido fora do solo. Assim, a qualidade do produto colhido foi afetada, com perda de valor comercial e prejuízos significativos. A quantidade de produção também deverá sofrer um decréscimo considerável. No final do mês ainda havia batata estival para ser colhida.

As novas sementeiras de batata, que deveriam ter sido iniciadas no final de dezembro, começaram em janeiro, em pequena quantidade, devido ao encharcamento dos solos e à impossibilidade de entrada das máquinas agrícolas. Devido às condições de precipitação, parte dessa sementeira de janeiro perdeu-se, por apodrecimento. Nos solos que o permitiram, e assim que as condições climáticas se tornaram mais favoráveis, as sementeiras prosseguiram na segunda quinzena, prevendo-se que continuem durante o mês de março. Face a estes condicionalismos, antevê-se que a área semeada seja inferior à da campanha anterior. O início da colheita está previsto para meados ou final de maio. De salientar que o atraso na época das sementeiras, causado pelo encharcamento dos solos, poderá fazer com que a colheita coincida com a de outros países da Europa, que apresentam menores custos de produção, em parte por não necessitarem de rega.

No final do relatório apresenta-se uma Tabela com os valores numéricos relativamente aos dados meteorológicos de todas as estações da região.



**Fitossanidade: pragas e doenças;
intensidade e frequência dos ataques;
oportunidade e eficácia dos
tratamentos efetuados; prejuízos causados
para além do normal**

Oeste

Com o excesso de água no solo, nos pomares de pomóideas não houve oportunidade de realização de tratamentos fitossanitários de inverno ao longo do mês, situação preocupante pelo impacto que poderá ter no desenvolvimento de doenças durante a primavera, fase em que as árvores se encontram nos estados fenológicos mais suscetíveis. Apenas no final do mês, com a possibilidade de circulação em alguns pomares, houve oportunidade de realização de tratamentos para contenção de fogo bacteriano nas pereiras e de cancrios nas macieiras. Devido à impossibilidade de acesso aos pomares, na pera Rocha não se realizaram podas sanitárias durante o mês, para remoção dos cancrios das árvores onde a bactéria que provoca a doença do fogo bacteriano se aloja no inverno, o que poderá indiciar a manutenção do inóculo em níveis preocupantes.

Na vinha, com o novo ciclo vegetativo a iniciar não foi ainda registada a presença de pragas ou doenças. No entanto, com a quantidade de água armazenada nos solos e consequentes humidades elevadas, antevê-se um ano desafiante em termos de doenças criptogâmicas. Devido à impossibilidade prolongada de realização de tratamentos de inverno, a vinha em geral apresentava um desenvolvimento muito acentuado de infestantes, impondo-se a necessidade do respetivo controlo logo que se verifiquem condições de circulação.

Nos pomares de limão, a presença de fungos em frutos danificados pelo vento forte, provocou podridão e

queda. No final do mês houve oportunidade de realizar tratamentos necessários para proteção do míldio e de aplicação de adubo foliar para estimular o desenvolvimento de novos gomos foliares e floração na primavera.

No olival, as condições meteorológicas do mês não foram propícias ao desenvolvimento ou instalação de focos de doenças, não se tendo justificado a realização de tratamentos fitossanitários.

Nas culturas hortícolas de ar livre, com o excesso de humidade houve desenvolvimento de fungos (causadores de míldio e alternariose) e bactérias que causaram podridão e perda de produção. Nem sempre houve oportunidade de realização de tratamentos devido às condições do tempo e do solo, tendo sido por vezes realizados manualmente.

Médio Tejo

Nos olivais, as condições climáticas registadas ao longo do mês limitaram o desenvolvimento e a instalação de novos focos de doenças. Apenas se verificou a presença esporádica de fungos saprófitos, sem impacto fitossanitário relevante. Por este motivo, não se justificou a realização de tratamentos fitossanitários.

Nos citrinos, em especial no limão, verificou-se sem grande significado o surgimento de podridão nos frutos nas áreas dos pomares mais expostas à humidade. Em termos de pragas, surgiram os primeiros caracóis.

Nas poucas searas de cereais praganosos instaladas em novembro, nomeadamente trigo mole e aveia, ainda não foram identificadas pragas ou doenças com relevância. Os tratamentos fitossanitários realizados no final de fevereiro contribuíram para o restabelecimento das searas, prevendo-se que os problemas fitossanitários possam surgir na primavera com o aumento da temperatura.

Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia

Nos pomares de citrinos, designadamente de laranja, surgiram pontualmente alguns focos de míldio essencialmente nas folhas. Estando a cultura em fase de colheita não se realizaram tratamentos fitossanitários, que se preveem após a colheita e poda.

Devido à precipitação e à dificuldade de acesso aos terrenos, só nos últimos dias foi possível realizar alguns tratamentos fitossanitários e muitos ficaram adiados para o próximo mês.

Grande Lisboa

De um modo geral, no final do mês as culturas perenes deram mostras do início do seu ciclo vegetativo e as principais pragas mantiveram-se maioritariamente no estágio hibernante, não tendo sido registadas ocorrências com relevância fitossanitária.

Contudo, nos limoeiros nos últimos dias do mês as condições climáticas permitiram dar continuidade à aplicação de alguns produtos fitossanitários, sobretudo para combate ao míldio, por se terem identificado muitos focos da doença.

No olival, as condições climáticas registadas ao longo do mês não favoreceram o desenvolvimento ou a instalação de novos focos de doenças, excetuando-se a presença pontual de fungos saprófitos que, em condições de *stress* ou tecidos debilitados, podem colonizar tecidos enfraquecidos e contribuir para necroses locais. Para tais fungos não se justificaram intervenções fitossanitárias.

Península de Setúbal

No geral, este mês não se verificaram situações de pragas ou doenças. Contudo, as condições de elevada humidade e o aumento das temperaturas poderão ser propícias ao desenvolvimento de doenças, nomeadamente míldio, alternariose e sarna na cultura da batata, assim como situações de *Botrytis* em diversas culturas.



Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior

No **Oeste**, as pastagens de sequeiro, geralmente espontâneas e algumas melhoradas, apresentavam disponibilidade de alimento para os animais em pastoreio direto. Contudo, com o encharcamento dos solos o desenvolvimento das pastagens foi mais lento e mais difícil a presença dos animais no campo, que se mantiveram estabulados grande parte do tempo e com necessidade de reforço de alimentação natural à base de fenos.

À semelhança dos meses anteriores, a precipitação elevada e o excesso de água no solo não permitiram semear forragens anuais, com destaque para o azevém, pelo que a área destas culturas era bastante menor do que no ano anterior. Os produtores em geral semearam menos área e outros não semearam. Apesar de já ser muito tarde, se houver condições em março, alguns produtores ainda preveem semear azevém e outros irão optar por espécies de ciclo curto, mais adequadas a uma instalação no início da primavera. Os produtores contam ainda com o aproveitamento de forragem de azevém de nascimento espontâneo nas áreas instaladas na campanha anterior. As forragens semeadas em outubro e novembro apresentavam um bom estado vegetativo, mas encontravam-se ainda com uma altura entre 15 cm a 25 cm, pequenas para o primeiro corte. O desenvolvimento foi mais lento devido ao excesso de água no solo e à impossibilidade de efetuar adubações, cuja aplicação só foi possível nos últimos dias do mês.

Com a diminuição da área de forragens de outono-inverno, a capacidade de autoaprovisionamento ficou

reduzida e haverá maior necessidade de compra de alimento para os animais (fenos, fenossilagem, milho para silagem), fazendo subir os custos de produção pecuária. No caso dos produtores de leite, a perspetiva de aumento dos custos poderá ser um problema na rentabilidade da atividade tendo em conta a recente descida do preço do leite. No final do mês já se verificava uma subida do preço da palha e da forragem. Em geral as condições de alimentação dos animais mantinham-se semelhantes a igual período do ano anterior, encontrando-se os mesmos ainda a consumir reservas de fenos, fenossilagem e silagem do ano anterior.

No **Médio Tejo**, as pastagens permanentes de sequeiro encontravam-se à semelhança do mês anterior, com o seu desenvolvimento vegetativo estagnado, praticamente sem evidenciarem evolução. Nestas pastagens, verificaram-se plantas que sofreram por asfixia radicular. Na última semana do mês, com a melhoria das condições meteorológicas e o aparecimento de dias mais soalheiros, verificou-se um maior desenvolvimento das plantas, característico do início da primavera. As condições climáticas permitiram a realização de adubações e outras intervenções para a melhoria das pastagens.

Os prados de regadio encontravam-se a recuperar da situação de encharcamento, aguardando-se que os solos sequem mais um pouco. Começava a verificar-se o restabelecimento do desenvolvimento vegetativo das plantas, prevendo-se que no próximo mês já estarão dispostas ao pastoreio.

No que respeita às culturas forrageiras, especificamente o azevém, desenvolveu mais lentamente face às condições de encharcamento dos solos, esperando-se pela oportunidade de corte no próximo mês.

Relativamente às condições de alimentação das espécies pecuárias, em especial os bovinos em regime extensivo, durante o mês mantiveram-se estabulados ainda a consumir alimentos conservados disponíveis

nas explorações (fenossilagem, fenos e palhas). Estes alimentos tiveram um grande contributo no regime alimentar dos efetivos, sendo o mesmo superior comparativamente a igual período do ano anterior. Os alimentos concentrados também tiveram um peso muito superior ao do ano passado na alimentação da cria-recria. Foi um ano muito exigente no que diz respeito à alimentação animal à mão. Nesta altura do ano, os animais deveriam já estar em regime de pastoreio, perspetivando-se que tal condição se verifique no próximo mês.

Na **Lezíria do Tejo** e **Baixo Sorraia**, em geral, o desenvolvimento das pastagens manteve-se muito reduzido. Em consequência das chuvas intensas e das cheias ocorridas nos rios Tejo e Sorraia, muitas pastagens, situadas em zonas mais baixas, ficaram submersas e com as plantas em situação de asfixia radicular, com perda nas culturas, que ainda não é possível avaliar.

As culturas forrageiras instaladas em outubro e novembro também apresentaram um desenvolvimento mais lento. No caso do azevém, a cultura encontrava-se já em condições para o primeiro corte, o qual não foi ainda realizado devido à impossibilidade de circulação das máquinas para a efetuar a colheita.

Quanto às condições de alimentação das espécies pecuárias, devido à chuva intensa e inundações de pastagens, os bovinos de raça brava de lide tiveram de ser deslocados para locais mais altos, fora da zona de cheia. Houve necessidade de alimentar os animais à mão, verificando-se um aumento da administração de fenos ou palhas, mas ainda sem necessidade de recurso a alimento concentrado. Os bovinos para carne em regime extensivo mantiveram-se a comer à mão, fenos. A maior parte das pastagens, mesmo as mais desenvolvidas, encontravam-se ainda sem condições de pastoreio, devido à fraca disponibilidade de alimento e dificuldade de deslocação dos animais no terreno. Os bovinos de leite encontravam-se ainda a consumir alimentos conservados da campanha anterior, como

silagem de milho, azevém e fenossilagem. Com a impossibilidade de corte das culturas forrageiras desta campanha, em algumas explorações as reservas de forragens estavam a terminar, havendo necessidade de recurso a outras fontes de alimentação, como por exemplo a soja, enquanto outras ainda dispunham de boas reservas e de condições de alimentação idênticas ao ano anterior.

Na **Grande Lisboa**, os prados e as pastagens registaram uma recuperação vegetativa significativa na segunda metade do mês, estimando-se uma elevada produção de biomassa, embora de qualidade nutricional inferior à observada no período homólogo do ano anterior, em resultado da lixiviação de nutrientes provocada pela precipitação excessiva.

Durante o mês não foi possível semear nenhuma cultura forrageira porque os terrenos se encontravam encharcados. Nos campos de azevém semeado em outubro, previamente ao período de precipitação intensa, no final do mês em análise a cultura apresentava um bom desenvolvimento vegetativo, com uma altura entre 30 cm a joelho, embora nalgumas zonas com elevada infestação de flora espontânea, nomeadamente margaça. Nos dias em que o tempo o permitiu, apenas foi realizada fertilização de cobertura recorrendo a tratores equipados com rodas de ferro, habitualmente utilizados na cultura do arroz, dada a impossibilidade de acesso aos terrenos devido ao encharcamento dos solos. Prevê-se a realização de um a dois cortes. Nos terrenos com mistura de azevém com ervilhaca observou-se no final do mês um crescimento vegetativo inferior, da ordem dos 15 cm, verificando-se em algumas zonas sintomas de asfixia radicular, com amarelecimento e morte das plantas, decorrentes do alagamento prolongado dos solos. Nestas parcelas não foi possível efetuar a fertilização de cobertura, por se tratar de terrenos com maior suscetibilidade a encharcamento. A cevada forrageira apresentava necessidade de fertilização, estando prevista a aplicação de adubo durante o mês de março.

Com vista à preservação do coberto vegetal e à prevenção da compactação do solo, o pastoreio direto foi evitado, de modo a minimizar os efeitos de pisoteio sobre as pastagens. Os efetivos pecuários encontravam-se maioritariamente em regime de alimentação assente em forragens conservadas, nomeadamente fenossilagem, em virtude das limitações ao pastoreio. Em comparação com o período homólogo do ano anterior, verifica-se a manutenção de um enquadramento semelhante no que respeita ao regime alimentar dos efetivos.

Na **Península de Setúbal**, à semelhança dos meses anteriores, devido à persistência das condições de precipitação e ao conseqüente encharcamento dos solos, que impossibilitaram a preparação e a entrada nos campos, não foi possível aumentar a área semeada de pastagens nem de culturas forrageiras. Nesta fase, já não existem condições para a realização de novas sementeiras, pelo que tudo o que nascer e se desenvolver espontaneamente será aproveitado para pastagem e para corte.

Relativamente às consociações semeadas no final de novembro, estas apresentavam crescimento reduzido, evidenciando situações de encharcamento excessivo do solo e a necessidade de aplicação de adubação de cobertura, que não foi possível realizar.

Também à semelhança do mês anterior, continuou a não ser possível efetuar o primeiro corte para silagem das forrageiras instaladas mais precocemente, que se previa ter sido iniciado em meados de dezembro.

No geral, as pastagens apresentavam melhor desenvolvimento relativamente ao mês anterior, com crescimento de outras espécies, embora este continue lento devido à persistência do excesso de água no solo, sendo inferior ao verificado no mesmo período do ano passado.

Ao longo do mês o pastoreio do gado bovino continuou a ser possível nas zonas mais elevadas, com rotação entre parcelas para permitir o crescimento da pastagem,

sendo alternado com suplementação, principalmente de feno e também palha. No caso dos ovinos, começou a ser possível o pastoreio, pontualmente, em zonas com menor presença de infestantes prejudiciais à sua alimentação. Relativamente ao aprovisionamento de silagem, fenossilagem e feno, considerando os gastos na alimentação face ao limitado pastoreio, as reservas são menores, mas ainda permitem um aprovisionamento satisfatório.



Sementeiras de cereais praganosos: como decorreram, como germinaram; aspeto vegetativo das searas, variação de áreas semeadas relativamente ao ano anterior, motivos da variação caso se tenha verificado

No **Oeste**, não foram semeados cereais praganosos de outono-inverno durante o mês porque os solos se mantiveram saturados de água e sem possibilidade de circulação de maquinaria agrícola. Com a situação climática desfavorável, não se realizaram sementeiras a partir de novembro e no final do mês a área semeada era muito reduzida, prevendo-se que com a melhoria das condições meteorológicas, em março ocorra alguma evolução da área semeada, principalmente de cevada, cuja instalação ainda não se tinha iniciado. Nos restantes cereais, como o trigo, o tritcale e a aveia, já não haverá novas sementeiras ou as mesmas serão muito pontuais por ser muito tarde para as culturas. Algumas áreas destinadas a trigo, que não foram semeadas, poderão vir a ser ocupadas por cevada. As searas de trigo, instaladas em outubro e novembro em terrenos mais baixos e que ficaram submersas durante um longo período, perderam-se devido a asfixia radicular e morte das plantas. As que foram instaladas em terrenos mais elevados beneficiaram de melhores condições e apresentavam um razoável aspeto vegetativo. No entanto, o seu desenvolvimento foi mais lento devido ao excesso de água, apresentando-se com cerca de 20 cm a 25 cm de altura. Com a melhoria das

condições do tempo, no final do mês já era possível circular em alguns terrenos, permitindo realizar adubações e aplicação de herbicidas nas culturas e a preparação de terrenos para a instalação de cevada.

No **Médio Tejo**, as condições adversas do tempo ocorridas em fevereiro, em especial as chuvas fortes e persistentes, continuaram a não permitir a entrada das máquinas nos terrenos, pelos solos muito alagados ou mesmo submersos nas primeiras semanas do mês. Em finais do mês não se verificou qualquer evolução relativamente às poucas áreas semeadas em novembro com cereais praganosos. As poucas áreas semeadas de trigo mole e aveia, passaram muitas dificuldades na primeira metade do mês, nas zonas mais baixas e alagadas. No entanto, nos últimos dias, com a melhoria das condições atmosféricas, os produtores conseguiram proceder a adubações e à aplicação de alguns tratamentos fitossanitários, como herbicidas e fungicidas, verificando-se um restabelecimento destas culturas. As searas que resistiram encontravam-se na fase de afilhamento ou princípio de encanamento. As oportunidades para realizar novas sementeiras de aveia e cevada foram reduzidas ao longo do mês de fevereiro. Ainda assim, os produtores mantêm a expectativa de conseguir instalar a cultura de cevada nas primeiras semanas de março, caso as condições meteorológicas venham a ser favoráveis. Prevê-se, de forma geral, uma redução muito significativa das áreas semeadas com cereais praganosos, comparativamente ao ano anterior.

Na **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia**, não houve evolução das áreas semeadas. As condições meteorológicas e dos solos não permitiram a realização de mais sementeiras destas culturas, designadamente de trigo, aveia e cevada. Nas áreas instaladas continuava a evidenciar-se sintomas de asfixia radicular, com perdas de produção por morte de plantas, devido ao encharcamento persistente dos solos. Prevê-se que com a melhoria das condições do tempo durante o mês de março ainda sejam instaladas algumas áreas de cereais,

designadamente de cevada. No entanto, de uma forma geral, estima-se uma redução muito significativa das áreas semeadas com cereais praganosos, comparativamente ao ano anterior.

Na **Grande Lisboa**, relativamente às culturas cerealíferas de outono-inverno, não foi realizada qualquer intervenção cultural durante o mês em consequência das condições edafoclimáticas adversas, resultantes do excesso persistente de precipitação registado desde outubro do ano anterior. Da área semeada em outubro e novembro apenas uma parte residual chegou a desenvolver-se, tendo sido posteriormente perdida devido ao encharcamento prolongado dos solos e à ocorrência de inundações. Prevê-se a instalação da cevada dística durante o mês de março, caso as condições climáticas e o estado físico do solo venham a permitir a realização das operações culturais em condições técnicas adequadas. Relativamente aos restantes cereais praganosos, e como referido no relatório anterior, *“...mesmo que em março se verifiquem condições edafoclimáticas favoráveis à execução dos trabalhos agrícolas, a sua instalação será considerada extemporânea, pois deixa de respeitar o calendário agrónomico adequado, com impacto direto no desenvolvimento, produtividade e viabilidade económica das culturas”*. Tal como se tem vindo a mencionar em relatórios anteriores, a redução da área afeta à sementeira de culturas cerealíferas encontra-se igualmente condicionada por fatores de natureza económica, designadamente pelos baixos preços pagos à produção, os quais têm vindo a evidenciar uma tendência decrescente. Estes valores revelam-se manifestamente insuficientes para assegurar a cobertura integral dos custos de produção, comprometendo a rentabilidade das explorações. Neste contexto, antecipa-se que a manutenção deste enquadramento económico possa conduzir, a médio prazo, ao abandono progressivo das culturas cerealíferas por parte dos produtores.

Na **Península de Setúbal**, as sementeiras de tritcale efetuadas em janeiro foram afetadas por precipitação excessiva, o que condicionou o desenvolvimento da cultura. No final do mês, apresentava crescimento reduzido, encontrando-se maioritariamente no estágio de 3 a 4 folhas, tendo-se registado perdas parciais por apodrecimento, associado ao encharcamento do solo. A adubação de cobertura, essencial ao adequado desenvolvimento da cultura, encontrava-se atrasada, sendo realizada logo que possível. Prevê-se que sejam efetuadas novas sementeiras no mês de março, assim que as condições o permitam.

Relativamente ao trigo, a sementeira ainda não foi efetuada, uma vez que normalmente ocorre em rotação de culturas e após a colheita da batata. Como esta colheita se atrasou, a sementeira do trigo, embora um pouco tardia, será realizada posteriormente, estando prevista para meados de março.

Relativamente a outros cereais praganosos de outono-inverno, este mês não se efetuaram novas sementeiras, não estando já prevista a sua realização.



Pomares de citrinos: estado vegetativo e produção quanto aos aspetos de qualidade e quantidade

No **Oeste**, os pomares de limão encontravam-se a recuperar dos danos causados pela passagem da tempestade Kristin. Com a subida das temperaturas já se observavam novos botões florais. Além de ter havido bastante queda de limão, muitos frutos que permaneceram nas árvores desenvolveram podridão devido à presença de fungos, facilitada pelas lesões causadas na pele por fricção. Pelo mesmo motivo verificou-se também a presença de muitos frutos com manchas na pele, que perderam valor comercial. Na região colheu-se limão durante o mês, mas em menor quantidade devido à perda de produção causada pelas condições adversas do tempo. Os frutos em desenvolvimento resultantes da floração de agosto

também foram afetados. Será necessário aguardar pela próxima floração de primavera e desenvolvimento de novos frutos para a recuperação da produção, que tenderá a normalizar no final de 2026, caso não venham a ocorrer novas adversidades.

No **Médio Tejo**, os pomares de limão encontravam-se no pico da colheita e a decorrer com normalidade. É nesta fase que se colhem os frutos com calibres mais homogéneos, apresentando-se os mesmos muito bons. Em termos de produtividade, é expectável que seja ligeiramente superior à campanha precedente.

Na **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia**, os pomares de laranja (variedades Dalmau e Newhall) instalados em solos bem drenados, não se ressentiram do excesso de chuva e recuperam face ao mês anterior, apresentando um bom aspeto vegetativo. Durante o mês houve muita queda de frutos, especialmente durante a primeira quinzena, devido ao período de chuva bastante intensa e ao vento forte. A produção que já se estimava bastante baixa devido aos problemas na floração e vingamento, será ainda menor com a queda de frutos ocorrida nos meses de janeiro e fevereiro. A produção colhida durante o mês apresentou uma ligeira melhoria da qualidade e do calibre, o que se refletiu no preço pago à produção. No entanto, a disponibilidade no mercado de laranja de qualidade inferior a seguir ao período de chuvas e ventos, limitou a melhoria do preço.

Na **Grande Lisboa**, nos pomares de limoeiros foi possível dar continuidade às operações de colheita durante os últimos dias do mês. Paralelamente, observou-se em algumas árvores o início de um novo fluxo de crescimento vegetativo, evidenciado pelo intumescimento das gemas vegetativas, indicador do arranque de um novo ciclo fenológico.

Na **Península de Setúbal**, os limoeiros encontravam-se em início de floração, prevendo-se o início da colheita a partir de junho.

Nos pomares de tangerineiras iniciaram-se as colheitas, perspetivando-se uma produção semelhante ou ligeiramente superior à do ano anterior.



Produção de azeite: funcionamento dos lagares; qualidade do azeite e funda

No **Oeste**, a maioria dos lagares da região funcionaram entre o fim de setembro e o início de dezembro, acompanhando o período da colheita de azeitona. O processo de extração de azeite deu-se por norma num período máximo de dois a três dias após a colheita, assegurando não existir perda de qualidade da azeitona, aspeto fundamental para a qualidade do produto final. A maior parte do azeite produzido nos lagares da região provem de azeitona entregue por pequenos produtores, que o recolhem alguns dias após a laboração. Findo o processo de extração de azeite, os lagares procedem a limpezas e manutenção das áreas e equipamentos. No decorrer da colheita de azeitona verificou-se uma diminuição da qualidade do azeite produzido devido a problemas fitossanitários associados ao aumento dos níveis de humidade. No entanto, a campanha registou a produção de azeites de elevada qualidade e praticamente toda a colheita de azeitona produziu azeite virgem extra. No decurso da colheita verificou-se uma variação do rendimento em azeite, mas em termos médios a funda (litros de azeite obtidos por 100 kg de azeitona) oscilou entre 13% e 14%, ligeiramente acima da campanha anterior. Em termos globais, a produção de azeite na região foi menor relativamente à campanha anterior, refletindo em algumas situações um ano de contrassafra, mas também o efeito de condições climáticas adversas, designadamente as elevadas temperaturas ocorridas durante os meses de verão e a ausência prolongada de precipitação até ao outono, a que se seguiram níveis elevados de precipitação no decurso da colheita.

No **Médio Tejo**, a maioria dos lagares terminou a sua atividade de extração de azeites, finalizando a sua campanha de laboração com a limpeza geral e manutenção de todas as áreas e equipamentos afetos a esta atividade. A campanha de 2025/2026 na região, em termos quantitativos foi significativamente superior à do ano anterior, com uma produtividade média de azeitona mais elevada especialmente nos olivais tradicionais e/ou centenários que caracterizam a região, sendo os principais responsáveis por esse aumento. Os novos olivais tradicionais de sequeiro com maior densidade de oliveiras, também registaram um aumento de produtividade, embora não tão expressivo. O rendimento em azeite ao longo da campanha foi variável. Numa fase inicial verificou-se um valor mais baixo devido às altas temperaturas e pouca precipitação, com uma evolução positiva até ao final da campanha, devido à descida da temperatura. O rendimento médio em azeite posicionou-se entre os 11% e 12%. De uma forma geral, foi um ano de elevada qualidade de azeite, com a produção de muitos azeites classificados como virgem extra. Nos olivais intensivos de regadio a produtividade média de azeitona verificou-se ligeiramente inferior à do ano anterior, mas acima do previsto inicialmente, contribuindo o facto da azeitona ter mantido boas condições fitossanitárias até mais tarde do que o habitual e ter assim permitido uma quantidade mais elevada de azeitona transformada. No entanto, é estimada uma maior quantidade de azeite comparativamente à campanha anterior pelo maior rendimento médio de azeitona em azeite, que rondou os 14%. A qualidade do azeite foi muito boa. A produção de azeite na região resultou assim superior ao ano precedente, contribuindo para essa superioridade a quantidade de azeitona colhida em especial nos olivais tradicionais que mais caracterizam a região.

Na **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia**, o funcionamento dos lagares encontrava-se terminado. Verificou-se uma diminuição da qualidade do azeite no decorrer da campanha, mas em geral foi um bom ano de produção, de qualidade muito superior à da última campanha, com

a maior parte dos azeites com classificação superior, virgem extra. O rendimento médio da azeitona em azeite rondou os 14%, verificando-se uma maior produção de azeite relativamente à campanha anterior.

Na **Grande Lisboa**, a apanha da azeitona deu-se por concluída em outubro. Finalizada a campanha de produção de azeite ainda em 2025, os lagares entraram num período intenso de trabalhos de limpeza, manutenção e preparação para a campanha seguinte, de forma a garantir a higiene alimentar e assegurar que os equipamentos funcionem corretamente. A qualidade do azeite foi de um modo geral aceitável, sendo que a azeitona colhida antes das primeiras chuvas outonais deu melhores azeites, com melhores características organoléticas, que a colhida no final da campanha. Não obstante, foi possível obter azeites de elevada qualidade, particularmente nos lotes provenientes de colheitas precoces e de olivais com adequado controlo fitossanitário. Relativamente ao rendimento da azeitona, registaram-se valores muito próximos dos obtidos no ano anterior, apesar do interregno de três a quatro semanas no processo de maturação dos frutos, devido às elevadas temperaturas que se fizeram sentir entre junho e agosto, face a um ano dito normal. Feito o cálculo da funda do azeite, constata-se que o valor médio foi de 15,5%, ligeiramente acima do da campanha anterior.

Na **Península de Setúbal**, mantém-se o referido no relatório de novembro: *“A colheita da azeitona para azeite, que se tinha iniciado na segunda quinzena de outubro, terminou no final deste mês. A qualidade do fruto colhido foi, em geral, muito boa, sem incidências de mosca da azeitona. Após a ocorrência de precipitação verificou-se alguma presença de gafa, mas pouco significativa.*

A produtividade e rendimento foram superiores à campanha anterior, bem como a qualidade do azeite produzido. O rendimento na extração para azeite registou valores de 12% e 13% no início da campanha e de 9% no final, devido ao efeito da precipitação na qualidade da azeitona colhida.”

6 de março de 2026

DADOS METEOROLÓGICOS

Dados das estações meteorológicas (Fonte IPMA)	Alto Oeste	Baixo Oeste		Grande Lisboa	Península de Setúbal		Lezíria do Tejo	Baixo Sorraia	Médio Tejo	
	Alcobaça	Santa Cruz (Aeródromo)	Torres Vedras Dois Portos	Lisboa Instituto Geofísico	Setúbal	Pegões	Santarém	Coruche	Tomar Vale Donas	Alvega
Temperatura máxima (°C)	25,2	21,8 ^{a)}	23,3	22,4 ^{c)}	23,8	24,3	24,6	24,5	h)	i)
Dia	22	23	23	22	22	22	22	23 e 26	h)	i)
Valor médio da temperatura máxima (°C)	17,1	a)	16,7	17,0	17,8	17,4	17,4	17,9 ^{f)}	h)	i)
Temperatura máxima normal para a época (°C)	16,3	—	15,4	16,4	16,8	16,9	16,6	17,0	—	17,0
Temperatura mínima (°C)	1,6	2,0 ^{b)}	2,2	7,9 ^{c)}	3,7	4,2	5,0	1,7	h)	i)
Dia	21	21	21	3	23	21	20	21	h)	i)
Valor médio da temperatura mínima (°C)	8,8	b)	9,5	11,0	9,6	8,6	9,5	8,4	h)	i)
Temperatura mínima normal para a época (°C)	4,5	—	6,0	9,1	5,6	5,6	6,5	3,8	—	2,9
Temperatura média normal para a época (°C)	10,4	—	10,7	12,8	11,2	11,2	11,5	10,4	—	9,9
Horas de frio acumuladas	518	322	372	200	378	542	351	604	670	762
Rajada máxima de vento (Km/h)	73,8	79,6 ^{a)}	86,4	80,6 ^{c)}	69,1 ^{d)}	82,1	76,3	91,1 ^{g)}	h)	i)
Dia	7	2	7	5	2	5	7	5	h)	i)
Número de dias com precipitação	20	a)	19	15 ^{c)}	16	24 ^{e)}	18	17 ^{g)}	h)	i)
Precipitação acumulada no mês (mm)	246,0	a)	209,4	317,5 ^{c)}	251,0	230,8 ^{e)}	190,0	215,0 ^{g)}	h)	i)
Precipitação normal para a época (mm)	81,7	—	62,0	77,8	66,6	54,3	54,4	48,0	—	61,8
Precipitação diária máxima no mês (mm)	32,5	a)	33,1	45,5 ^{c)}	47,2	45,5 ^{e)}	29,4	31,4 ^{g)}	h)	i)
Dia	5	a)	4	4	7	7	4	11	h)	i)
Humidade relativa diária mínima (%)	30	40 ^{a)}	29	34 ^{c)}	33 ^{d)}	40	37	34	h)	i)
Humidade relativa diária máxima (%)	96	100 ^{a)}	99	100	96 ^{d)}	100	99	100	100	100

Notas:

Temperatura máxima normal para a época, Temperatura mínima normal para a época, Temperatura média normal para a época e Precipitação normal para a época: Normais Climatológicas 1991-2020 da respetiva estação.

a) Falha de dados entre os dias 6 e 16.

b) Falha de dados entre os dias 7 e 16.

c) Falha de dados no dia 13.

d) Falha de dados no dia 24.

e) Falha de dados no dia 12.

f) Falha de dados no dia 12.

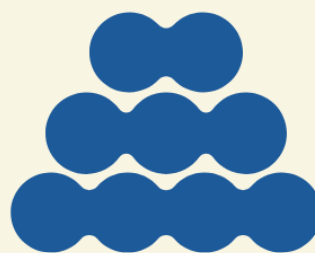
g) Falha de dados nos dias 10, 12 e 24.

h) Falha de dados no período entre os dias 3 e 12.

i) Falha de dados no período entre os dias 6 e 12.

– Sem dados

Número de horas de frio: total de horas com temperaturas inferiores a 7,2°C acumulado, observado nas estações meteorológicas, desde 01 de outubro até 30 de abril (para fruteiras em Portugal Continental), atualizado diariamente até às 10h:30 UTC.



CCDR DE LISBOA E VALE DO TEJO, I.P.
RUA ALEXANDRE HERCULANO, N°37
1250-009 LISBOA

TEL.: +351 213 837 100 GERAL@CCDR-LVT.PT WWW.CCDR-LVT.PT